

abertura situada à altura da base da câmara, de forma que, enquanto o nível da areia baixava, o sarcófago descia. Quando ele ficasse repousando no piso do compartimento, terminava-se de limpar o solo e a saída era novamente fechada, para ter lugar então a colocação dos quatro gigantescos blocos do teto. Enchida de novo a câmara, era colocado um dos blocos e, em seguida, os três restantes. Repetia-se a operação de esvaziar a areia do compartimento. As quatro peças-chave ficariam inamovíveis para o resto da eternidade, devido ao próprio peso e à maneira como tinham sido colocadas.

Admitindo-se como plausível a teoria da conexão entre as culturas pré-colombianas e a manifestação da cultura da Pedra em solo egípcio, resta perguntarmos quais foram os inspiradores das soberbas construções; David Macaulay, especialista na matéria, as atribui ao arquiteto Mahnud Hotep.

Segundo este autor, na construção da pirâmide trabalharam britadores, pedreiros, geômetras, carpinteiros e peões, ocupando-se durante o ano inteiro cada profissão em seu respectivo trabalho. Parte dos operários permanecia nas pedreiras e outros nas próprias oficinas, localizadas nos arredores da obra, o que faz supor a existência de barracões e oficinas. A grande massa operária totalizaria uns 50 mil homens, agricultores em sua maioria, os quais acudiam à construção todos os anos, durante os meses compreendidos entre julho e novembro, quando os campos ficavam inundados pela cheia do Nilo, o que tornava impraticável o trabalho de cultivo. A grande massa de operários dividia-se em grupos de 23 homens, em sua maior parte dedicados à remoção dos grandes blocos, desde as pedreiras de onde eram arrancados, até o pé da obra, enquanto outros se dedicavam a levantá-los até as fileiras em formação. Cada grupo era comandado por um soldado. O salário do trabalho consistia de alimentos e roupas. Estas seriam poucas e mínimos os trajes, uma vez que os egípcios se vestiam com grande simplicidade.

Não deixa de intrigar e convidar à reflexão o contraste entre a pobreza do povo e a grandiosidade das construções erigidas. Sabe-se que os egípcios raspavam a cabeça e o rosto, detalhe que tem explicação, quando se leva em conta que a pobreza está de mãos dadas com a miséria e que estas medidas podiam perfeitamente ser inspiradas pelo desejo de evitar-se a proliferação de parasitas e o resultante contágio.

O sistema social do antigo Egito estava dividido em castas: a sacerdotal, a dos nobres e ricos, a militar e a dos pobres e escravos, esta última formada pelos cativos de guerra, embora o Egito sempre tenha sido considerado um país não belicoso. Como em qualquer sociedade, estabeleciam-se as diferenças sociais segundo a posição econômica, discriminação que, como nos tempos atuais, nem mesmo com a morte desaparecia. A categoria dos funerais tinha relação com o dinheiro destinado pelos familiares do morto às pompas fúnebres. Os preços do embalsamamento e mumificação, bem como o tratamento dispensado ao cadáver, diferiam segundo o custo da tarifa. Também a sepultura dependia da bolsa dos familiares do falecido. Os mais pobres eram sepultados anonimamente na areia do deserto; os nobres e poderosos, em mausoléus, enquanto os faraós, príncipes e princesas, em pirâmides construídas para tal fim. No entanto, pelo que parece, a pirâmide só sepultava a máscara ou cópia do cadáver, pois a múmia costumava receber o repouso definitivo em pontos conhecidos somente dos sacerdotes, para evitar-se profanação dos ladrões de sepulturas. Estes, quando descobertos, eram castigados com a morte mais atroz. A mumificação não era praticada apenas em seres humanos, mas também em animais domésticos, entre os quais os gatos eram preferidos. Bubastis possuía seu cemitério de gatos mumificados.

Para os nobres e a família real, o Egito era um jardim onde erguiam seus templos e palácios carregados de riquezas. Muito diferente era o mundo dos camponeses que viviam do Nilo.